

A METAFÍSICA, O NADA E O MEDO EM HEIDEGGER

HEIDEGGER'S METAPHYSICS, NOTHING AND FEAR

Claudia Afonso

Mestranda pelo PPG FAU da Universidade de Brasília.

RESUMO

O presente artigo trata de considerações acerca das consequências da vivência do sentimento de medo associado ao encontro com o nada, na busca pela verdade, em uma sociedade que ainda não superou a metafísica. No decorrer do texto são apontadas algumas situações danosas à emancipação do pensamento crítico em decorrência desse encontro com o medo de forma inconsciente. Inicia-se o texto com uma releitura do *Que é Metafísica* de Martin Heidegger seguido pelas considerações a respeito do nada absoluto e do nada - apenas - não-ôntico para em seguida dialogar sobre a vivência do sentimento de medo proposto por Heidegger. Comparando como seria essa vivência na sua proposta inicial e como ela se dá na sociedade ocidental atual.

Palavras-Chave: Heidegger; Metafísica; Nada; Medo.

RÉSUMÉ

Le présent article traite de considérations concernant les conséquences de l'expérience du sentiment de peur associée à la rencontre avec le rien, dans la recherche par la vérité, dans une société qui n'a pas encore dépassée la métaphysique. Pendant le texte sont indiquées quelques situations néfastes à l'émancipation de la pensée critique comme résultat d'une rencontre avec la peur de façon inconsciente. Le texte commence avec un résumé de Qu'est-ce que la Métaphysique de Martin Heidegger suivie par des considérations concernant le rien absolu et le rien - seulement - pas-ontique pour ensuite dialoguer sur l'expérience du sentiment de peur proposée par Heidegger. En comparant comment ce serait cette expérience initiale et comment elle se fait dans la société occidentale actuelle.

Key Words: Heidegger; Métaphysique; Rien; Peur.

1 – A Metafísica em Heidegger

Entre a enormidade de textos produzidos por Heidegger ao longo de sua vida, nenhum teve maior impacto do que “Ser e Tempo”. Publicada em 1927, essa obra marcou a filosofia ocidental pela revolução que apresentou na forma de estruturar as buscas por respostas. O foco mudou. Não era mais a busca pela totalidade da essência em si mesma, mas a identificação dessa essência no desvelamento do ser, que só é possível pela existência, no espaço e no tempo.

A problematização das grandes questões filosóficas passa a ser repensada pela comunidade ocidental. Reformular as perguntas, colocar sob novo ângulo o que se busca e como se manifesta no mundo são os

novos desafios filosóficos apresentados. Outros textos e questionamentos surgem mostrando essa nova forma de indagar e, dentre eles, extraímos para esta análise “Que é metafísica?”. Trata-se do texto que Heidegger utilizou em sua primeira aula diante do corpo docente e discente da Universidade de Freiburg, no dia 24 de julho de 1929.

Esse texto causou polêmica e, segundo alguns estudiosos, foi muito mal interpretado (STEIN, 1979, p. 28). Um posfácio ao texto em 1943 e uma introdução em 1949, acréscimos feitos pelo próprio autor, sustentam essa tese. Antes que se adentre em uma análise crítica, algumas observações de uma releitura mostram como o pensamento de Heidegger se manifestava.

a) Síntese de “Que é metafísica?” - Heidegger

Apesar do título, logo no início do texto o autor deixa claro que não irá abordar a metafísica em si, mas antes buscará um caminho que possa ser traçado para se chegar à manifestação da metafísica. Apresenta uma contextualização na qual a comunidade acadêmica é situada no centro de uma problematização concreta que, por meio dela e de seus métodos, se expande para a humanidade.

Trazendo inicialmente a metodologia de indagação tradicional, ele mostra como os objetos de estudo de cada ciência são colocados e estruturados. A formulação tradicional dos métodos científicos delimitam seu objeto e apresentam os limites entre a coisa (ente) e o nada. Partindo desse ponto, Heidegger evidencia que, apesar de cada ciência utilizar seus métodos e se aplicar a seus objetos, “o substrato” que não é tratado por nenhuma delas é o que está fora do ente, que ele apresenta como o nada.

O paradoxo de buscar um objeto de estudo que em si mesmo é a negação de um ente é desenvolvido ao longo do texto. Dessa problemática surge a necessidade de, em um mundo espaço-temporal onde a essência se manifesta pelo desvelamento do ente, perceber a existência do nada que, em si mesmo, não se caracteriza onticamente. Evocando a impossibilidade desse “nada” ser estudado pelo entendimento e conseqüentemente pela ciência enquanto tal, é necessário ao menos encontrar um meio de percebê-lo.

O autor defende que é possível perceber a essência do nada em si pela vivência em meio a ele. Embora ele sustente que essa vivência seja constante e ininterrupta, o seu desvelamento para o homem aparece quando há a interseção entre a manifestação do nada e sua percepção, pelo homem, por meio do sentimento da angústia (medo). Cabe reproduzir aqui uma ressalva: não se trata de uma angústia inquietada, nervosa e triste que poderia estar associada à raiva ou à paralisia diante do terror. Trata-se de um sentimento de angústia descrito como uma “estranha tranquilidade”, uma definição imprecisa que reflete exatamente a impossibilidade de identificar algo que não se concebe, que “exerce um assédio que oprime o homem, deixando-se sem apoio e colocando-o em frente ao nada” (HEIDEGGER, 1979). No entanto, como o autor ressalta, esse contato com a verdadeira angústia exige que o homem se abra para ela, assim como exige que ele se afaste da vida cotidiana do ente, pois o dia-a-dia o coloca apenas na superfície de sua existência. Mas, paradoxalmente, é exatamente nesse desvio da consciência onde o nada apresenta seu mais próprio sentido (HEIDEGGER, 1979), defendido como sendo a manifestação mais comum, essencial e permanente da vida cotidiana: o “não”.

A negação é permanente na vida humana mas, ao contrário do que até então era defendido na estruturação da filosofia, Heidegger sustenta que o nada é a origem da negação e não o inverso. O nada seria anterior ao pensamento e à consciência, colocando-se, assim, além ou aquém da alçada da razão. Desta forma a transcendência do ser humano, o ir para além dos seus limites, deve ser o encontro com o nada que segundo o autor ocorre por meio do sentimento da angústia (medo), que por sua vez não o determina, apenas permite sua manifestação. Se a metafísica é o questionar do ente para além de seus limites, seria portanto de se esperar que a metafísica e o nada convergissem. A busca da metafísica pela origem de tudo e da verdade se transforma na busca pelo entendimento do nada, que não pode ser atingido pela razão. E, se o nada é a base comum de tudo e se dele se originam todas as coisas, todo o sentido da busca humana se transforma, e a pergunta que inicia o texto sobre que é a metafísica inverte-se completamente. O texto conclui essa inversão da lógica do questionamento deixando-a em aberto: se o nada é o fundamento de todas as coisas, “por que existe afinal o ente e não antes o nada?”.

2 – Sobre o Nada

A introdução do conceito de nada como origem da essência humana é revolucionária e, a partir dela, inicia-se a discussão sobre o fim da função originária da metafísica.

A tradição ocidental – desde a Grécia antiga até, talvez, Nietzsche – estruturou a busca pela verdade sobre os mais diversos campos do conhecimento de forma segmentada. A cada conhecimento que se pretendia alcançar, uma área se dedicava a ele com suas metodologias. Não foi preciso muito para se perceber que era preciso um ponto unificante que pudesse conectar os caminhos originários de cada área, a fim de que os resultados de cada uma delas pudesse ter legitimidade perante os demais.

A primeira área de fundamentação foi a filosofia: pensamentos sobre a realidade dos objetos, sobre como se deve estruturar as buscas sobre a verdade das coisas que nos aparecem como estão no mundo. Dela partem dois campos distintos de pesquisa: o que aparece e o que se coloca invisível.

A metafísica encarregou-se de pesquisar o que estaria além do que aparece e teria como fundamento maior a busca pela essência do ser. Contudo, ela estabeleceu seu referencial de busca na fundamentação causal para a finalidade do ôntico. Como alguém que ao adentrar no labirinto o faz com uma corda amarrada à cintura

para saber quem é e como retornar. Essa forma de agir não permite que o desconhecido seja percebido verdadeiramente, aquele que adentra o obscuro do labirinto com a corda estabelece uma separação essencial entre o ser e o ser de fora negando a possibilidade de interação com o que se apresenta. Essa situação logo de início coloca o ambiente desconhecido como “perigoso” e do qual é preciso sair.

Aí então que se aplica a crítica a Heidegger e, mais precisamente, ao que ele subverte com o conceito de nada.

Pode-se dizer que o primeiro a lançar um olhar sobre essa negação ao desconhecido como necessidade constitutiva do ser foi Nietzsche.

Pouco me importa se alguém com a humildade do ceticismo filosófico ou se com a religiosa resignação diga “a essência das coisas me é desconhecida”, ou se algum outro, mais corajoso, que ainda não tenha aprendido bastante crítica e desconfiança, diga “a essência das coisas é-me ignota em grande parte”. Diante de todos eles sustento que, em todas as circunstâncias, eles ainda fingem saber demais, como se a diferença que eles pressupõem existisse de pleno direito, a diferença entre uma “essência das coisas” e um mundo fenomênico. (NIETZSCHE, 2002, p. 66)

Nessas observações, feitas de forma descontínua no que se convencionou organizar e chamar de *Fragmentos*, Nietzsche lança suas críticas ao pressuposto vigente da metafísica de que há algo distinto e para além da realidade ôntica. Com esse fundamento, a metafísica tradicional sentencia que essa essência “imaterial” seria a verdade numa dissociação tão profunda que a existência atual não teria verdade, importância ou mesmo sentido.

Nietzsche e posteriormente Heidegger negam essa separação e sustentam que a verdade só pode ser acessada pelo que se apresenta e que portanto é pela existência que se pode chegar à verdade.

Com essas considerações, a metafísica se encontra encurralada pelo novo questionar: se há algo para além do que se mostra à sensibilidade material humana, e se esse “algo” não pode estar dissociado do que é/está aí, então o ponto de vista do observador ou do pensamento externo e dissociado não pode mais ser utilizado.

O desconhecido não está fora e não é algo que está perpassando o ser, ele é antes sua essência. Mas esse desconhecido é absolutamente ignoto, por isso Heidegger o nomeia Nada. Aproximando-o da essência do ser, e portanto da verdade, o caminho proposto para sua pesquisa é pelo questionar o ente pelo ente e descortinar nele o que há de sua verdade.

O que pode haver de mais interno é trazido por Heidegger pelo observar a vivenciar de um sentimento: o medo (angústia).

3 – Sobre o Medo

Estar plenamente consciente da existência, espacialidade e temporalidade, ser capaz de se desconectar dos ruídos que o cotidiano impõe e se lançar para o abismo do desconhecido. Neste conjunto de descrições Heidegger retoma de certa forma o mesmo sentimento descrito por Pascal “*Le silence éternel de ces espaces infinis m’effraie*” (PASCAL, 1963, p. 528), transpondo o sentimento de apavoramento descrito pelo filósofo francês do século XVII pelo sentimento de angústia (ou medo). Ultrapassando apenas a constatação, Heidegger sugere que a busca pela verdade não seja estática e contemplativa, seja antes uma ação de ir para a vivência do Nada.

Abraçar o nada e vivenciar o medo é praticamente o andar na contramão de todo aprendizado que a evolução das espécies trouxe. O medo é o mais básico de todos os sentimentos e a ele está associado intrinsecamente o instinto de sobrevivência.

Toda a fisiologia do corpo humano reage de forma instintiva diante de uma situação que possa desencadear o perigo. Pode-se então perguntar quais possibilidade o contato com o medo traz à busca da verdade?

O medo é ferramenta poderosa de ação cujo objetivo fundamental é **fugir, sair de perto, se afastar**, portanto a função do medo seria um “impelir para a ação” e não uma posição passiva. Heidegger propõe um diferença fundante do homem então; ele deve agir, superar seus instinto para ir de encontro ao medo, vivenciá-lo e de lá trazer sua leitura do contato com a verdade. Eis aí talvez uma possível diferenciação do *Dasein*: a capacidade de se abrir para o desconhecido é desta forma a capacidade de conscientemente, ter a coragem de se abrir para o medo e vivenciá-lo, lutando contra seus mais profundos instintos.

Porém a dificuldade de bem compreender o que significa viver o medo é evidente, pois manter-se permanente neste estado não parece apontar elucidaciones.

Voltando mais uma vez à fisiologia, a percepção de perigo promove no corpo “sintomas de activação fisiológica, como, por exemplo, palpitações, dificuldades em respirar, tonturas, suores, sensações de calor e frio ou tremores, desen- cadeados por uma ameaça real ou antecipada” (BAPTISTA; CARVALHO; LORY, 2005). Características desenvolvidas ao longo de

séculos de evolução para garantir energia e rapidez nos reflexos de fuga e luta. O corpo se desgasta e esforça-se para sair desse estado o mais brevemente possível. Tais reflexos, que são muito mais agressivos diante de um potencial conflito físico, também aparecem pela capacidade racional do homem antever uma possibilidade de perigo – real ou imaginária.

Apesar das contribuições filogenéticas, o medo e a ansiedade são programas modificáveis por fatores ambientais que os podem aumentar ou diminuir, que os podem fazer aparecer, como nas situações traumáticas, ou que os podem manter para além dos períodos normalmente esperados.
(BAPTISTA; CARVALHO; LORY, 2005)

Trata-se então de discutir a forma como pode se dar a manutenção desse estado para além do seu período natural, por quem e com que propósito. Analisando-se na atualidade uma parte da sociedade ocidental pode-se apontar alguns pontos significativos.

Após o final da segunda guerra mundial, principalmente mas não exclusivamente, o mundo ocidental se viu diante de ferramentas poderosas tanto bélicas quanto informativas. A propaganda havia sido testada pelos nazistas e seus frutos puderam ser medidos e quantificados. Bem estudada e amplamente empregada, os vencedores da guerra, que rapidamente passaram a ser novos inimigos, trataram de empregá-la para justificar suas escolhas.

A sociedade ocidental observou então um massivo “bombardeio” nos veículos de informação de reportagens e propagandas que ofereciam o medo à sociedade. Essa inoculação constante desse sentimento básico, auxiliou na obtenção do consentimento para incrementos e gastos cada vez maiores em armamentos, farmacologia e desenvolvimento tecnológico para superação e afastamento do medo e da insegurança.

Do ponto de vista de um questionamento metafísico como o da filosofia tradicional, o medo é o que deve ser evitado. Metodologias, racionalizações e teologias juntas compuseram a maior parte dos fundamentos da humanidade apresentando o medo como o obscuro desconhecido que poderia trazer “o mal” se adentrado sem as ferramentas desenvolvidas. A forma de encará-lo é a raiz do desenvolvimento tecnológico, das doutrinas de culpa e da vontade de poder.

Do ponto de vista da teoria além-metafísica de Heidegger, o medo é algo a ser buscado. Para além da referência da certeza da finalidade ôntica do ser humano, o desconhecido e temido é onde se encontra a essência humana. A superação dos instintos, a escolha baseada na liberdade de se colocar para o

medo e a consciência de tornar-se pleno e individualizado em si mesmo são as propostas deste novo pensar.

Pode-se supor que o se esteja vivenciado na atualidade seja uma composição “frankensteiniana” de duas estruturas e pensar os fundamentos da essência humana. Nesta composição a introdução de uma elemento de revolução interna num contexto estruturado para o controle externo, pode ter induzido a um aprofundamento da inconsciência. A esperança de despertar seria uma capacidade de percepção interna e ao mesmo tempo de forma conjunta de que o medo é uma possibilidade interessante de busca pela essência, e com isso busca-lo como um hábito de questionamento maior. O perigo é a imaturidade emocional, para quem o constante contato com o medo poderia fomentar progressivamente um estado de fuga do questionamento, agressividade e nacionalismo xenófobo.

Trata-se então de confrontar mais de dois mil anos de tradição filosófica além da evolução da espécie em si mesma. Seria esse o rompimento alardeado por Nietzsche? Pode ser, contudo o que a história evidencia até o momento é que essa forma de mudança para a superação da metafísica de Heidegger, exigirá tempo, esforço individual e coragem.

4 – Considerações finais

A evolução da consciência crítica da humanidade pode até ser analisada como identificação e análises de dificuldades coletivas, mas as mudanças só serão efetivas quando provenientes do despertar individual. O somatório dessas individualidades é que poderá compor uma nova coletividade, mas não se pode “ensinar metodologicamente” e em escala, racionalizações ou fomentos emocionais que possam modifica-la conjuntamente.

Percebe-se então como as colocações filosóficas e suas propostas que teriam por objetivo um questionamento libertador da consciência podem ser utilizadas de forma extremamente dolorosa para manter sociedades cada vez mais prisioneiras de si mesmas. Por isso a questão do tempo, do questionar e do esforço próprio são as matérias primas de cada coletividade. Mas esta mesma coletividade, enquanto fruto e consequência, não pode alterar a essência de sua causa (a individualidade), ainda mais quando ela não quer ser percebida. Pode e deve fomentar, instigar e promover possibilidade de contato com o pensar, mas não há como cobrar resultados que somente o tempo e a liberdade interna de cada um podem promover. Portanto estar em contato com soluções filosóficas colocadas de fora para dentro não é garantia de acesso

a verdade: é preciso se abrir para ela. As consequências de uma sociedade não consciente, ser mantida em constante estado de medo parece ser não a proximidade com a verdade, mas muito antes um fomento imenso à vontade de poder.

Defende-se aqui que as questões e dificuldades, que se mostram no que aparece socialmente, servem na verdade para ocultar algo muito maior, mais profundo, cuja descoberta somente pode se dar individualmente, requerendo ação e coragem para se colocar sozinho diante da infinitude do Nada.

Heidegger foi o primeiro a destacar a impossibilidade de controle para o encontro com o nada, mas talvez tenha-lhe faltado uma ponderação maior sobre o sofrimento que esse encontro acarreta assim como a necessidade, fundamental para sua realização, de consciência, liberdade e coragem.

Referências bibliográficas

BAPTISTA, Américo; CARVALHO, Marina; LORY, Fátima. "O medo, a ansiedade e as suas perturbações" in *Psicologia*, vol. 19, nº 1-2, 2005, pp. 267-277.

Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492005000100013>. Acesso em 15 jun. 2017.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos finais/Friedrich Nietzsche*. Seleção, tradução e prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002 (2007- 1ª reimpressão).

PASCAL, Blaise. *Pascal Oeuvres Complètes*. Paris: Aux Éditions du Seuil, 1963.

STEIN, Ernildo. *Conferências e escritos filosóficos/Martin Heidegger*. Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

